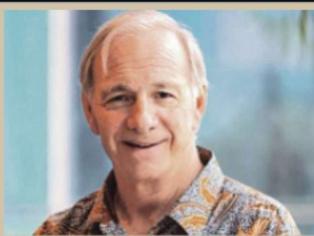


Economia

O megainvestidor Ray Dalio faz alerta sobre o endividamento público dos países desenvolvidos **EU&**



Siderurgia

Indústria brasileira perde mercado para o aço chinês e revê planos de investimentos no país **Caderno especial**



Cultura

Ricardo Piquet prepara-se para a inauguração do Museu das Amazônias, em Belém **EU&**

Sexta-feira, 12 de setembro de 2025
Ano 26 | Número 6337 | R\$ 7,00
www.valor.com.br

Valor

ECONÔMICO

25 ANOS

STF condena Bolsonaro a 27 anos de prisão

Judiciário Em julgamento histórico, o ex-presidente e sete de seus aliados, que compõem o 'núcleo crucial' da trama golpista, foram sentenciados pela Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal

De Brasília, São Paulo e do Rio

A Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) condenou ontem Jair Bolsonaro a 27 anos e 3 meses de prisão por tentativa de golpe de Estado e outros quatro crimes. Com os votos dos ministros Cármen Lúcia e Cristiano Zanin, o ex-presidente e sete de seus aliados foram considerados culpados, pelo placar de 4 a 1, pela trama golpista que visava a impedir a posse de Luiz Inácio Lula da Silva após sua vitória na eleição de 2022. O regime inicial da pena de Bolsonaro é fechado. Cabe recurso, mas as alternativas da defesa são limitadas.

Pela primeira vez na história do país, um ex-presidente e militares são condenados por tentar um golpe. O voto do relator, ministro Alexandre de Moraes, foi acompanhado por Flávio Dino, além de Cármen Lúcia e Zanin. O ministro Luiz Fux foi o único a votar pela absolvição de Bolsonaro de todos os crimes. Responsável pelo voto que formou a maioria na Primeira Turma do STF, Cármen Lúcia definiu o julgamento como um "encontro com o passado", mas também com o presente e o futuro. Bolsonaro e os sete réus receberam penas pelos crimes de golpe de Estado, organização criminosa armada, tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, dano qualificado pela violência e deterioração de patrimônio tombado.

Moraes apresentou seu voto na terça-feira, apontando Bolsonaro como líder de um grupo criminoso e afirmando não haver nenhuma dúvida de que houve uma tentativa de golpe de Estado. "O Brasil quase volta a uma ditadura porque uma organização criminosa não sabe perder eleições." A sessão de ontem da Primeira Turma foi repleta de recados a Fux. Único a divergir de Moraes, ele proferiu um longo voto na véspera, sem permitir apartes dos colegas, absolvendo Bolsonaro de todos os crimes, por

não ver provas do envolvimento do ex-presidente no plano que tentou impedir a posse de Lula. Apesar da condenação, aliados de Bolsonaro ainda veem a possibilidade de pedir a nulidade do julgamento, devido ao voto de Fux, que considerou o STF incompetente para analisar o caso, porque os réus não têm foro privilegiado. Além de Bolsonaro, foram condenados os ex-ministros Walter Braga Netto (26 anos de prisão), Augusto Heleno (21 anos), Anderson Torres (24 anos) e Paulo Sérgio Nogueira (19 anos), além do deputado Alexandre Ramagem (PL-RJ), ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (16

anos), o ex-comandante da Marinha Almir Garnier (24 anos) e o ex-ajudante de ordens Mauro Cid (2 anos em regime aberto), cuja delação premiada foi aceita. Ainda ontem, os EUA ameaçaram reagir à decisão do STF. Em nota nas redes sociais, o secretário de Estado, Marco Rubio, afirmou que Washington responderá de "forma adequada" ao que considerou uma "caça às bruxas". Horas antes, o presidente Donald Trump afirmou estar surpreso com a decisão. O Itamaraty, por sua vez, respondeu à ameaça de Rubio afirmando que a declaração não "intimidar" a democracia brasileira. **Páginas A9 a A12 e A14**

Melhora a avaliação do governo em pesquisas

Lilian Venturini
De São Paulo

Pesquisa Datafolha realizada na segunda e na terça-feira, e divulgada ontem, mesmo dia em que Jair Bolsonaro foi condenado, mostra que a aprovação do governo Lula aumentou de 29%, no fim de julho, para 33% agora, melhor índice alcançado neste ano, aproximando-se da reaprovação, que recuou de 40% para 38%. Outros 28% consideram a gestão regular. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. O Datafolha também questionou os eleitores sobre o trabalho de Lula como presidente, que foi aprovado por 48% dos entrevistados, ante 46% na pesquisa anterior, e desaprovado por outros 48% — eram 50% em julho.

Outra pesquisa divulgada ontem, da Ipsos/Ipec, também mostrou melhora na imagem do governo Lula. A avaliação positiva (ótima ou boa) aumentou cinco pontos percentuais entre junho e setembro, para 30%, enquanto a avaliação negativa (ruim ou péssima) diminuiu também cinco pontos, para 38%. **Página A14**

BC aperta cerco a conta suspeita de fraude

Gabriel Shinohara e Álvaro Campos
De Brasília e São Paulo

O Banco Central aprovou norma que obriga as instituições financeiras e de pagamentos a rejeitar transações que tenham como destino contas com "fundada suspeita de envolvimento com fraude". A ação é vista como um primeiro passo e novas restrições podem vir para ajudar no

combate às chamadas "contas laranjas". De acordo com o BC, a medida busca reforçar ainda mais os processos e protocolos de segurança do Sistema Financeiro Nacional (SFN). As instituições terão até 13 de outubro para adequar seus sistemas. A medida vale para contas de depósito à vista, de poupança e de pagamento pré-pagas. Além disso, engloba as transferências entre contas na própria institui-

ção, TEDs, Pix e boletos de pagamento. A Federação Brasileira de Bancos diz que "a determinação regulatória representa avanço fundamental", mas que é preciso progredir para haver o banimento de CPFs e CNPJs comprovadamente usados para transitar recursos ilícitos. "O desafio vai ser calibrar bem os critérios para evitar bloqueios indevidos", diz o advogado Rodrigo Borges. **Página C3**

Moda



A estilista e empresária Patricia Bonaldi, dona da grife PatBo, lança na próxima terça-feira, na New York Fashion Week, sua primeira linha de calçados. "Reflete a maturidade da marca", diz. **Página B6**

Iberdrola paga US\$ 2,2 bilhões por 30,3% da Neoenergia

Fernanda Guimarães, Robson Rodrigues e Felipe Laurance
De São Paulo

A espanhola Iberdrola fechou acordo para comprar 30,29% da Neoenergia que pertenciam à Previ, fundo de previdência dos funcionários do Banco do Brasil, por US\$ 2,2 bilhões (R\$ 11,9 bilhões), elevando sua participação na companhia a cerca de 84%. Com o negócio, a Iberdrola consolida sua posição de acionista majoritária em sua maior plataforma de distribuição e transmissão de energia elétrica na América Latina. A operação se encaixa na estratégia global de concentrar capital em ativos com receitas previsíveis e retornos estáveis. O grupo soma 1,4 milhão de quilômetros de linhas no Brasil, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. **Página B1**

No Nordeste, 6,5 mi superam linha de pobreza

Marcelo Osakabe
De São Paulo

A combinação de mercado de trabalho aquecido com os programas de transferência de renda tiraram 6,5 milhões de pessoas da situação de pobreza no Nordeste entre 2022 e 2024. A estimativa é do Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Nordeste, do FGV Ibre, que utiliza como parâmetro os critérios do Banco Mundial, de renda per capita inferior a R\$ 696 por mês. No Nordeste, a parcela da população que vive abaixo da linha de pobreza passou de 57,5% para 39,6%. Ainda assim, a região permanece com taxa de pobreza superior à média nacional, que passou de 36,9% para 23,4%. Além do Nordeste, somente a Região Norte também ficou acima da média brasileira (37,3%). **Página A4**

Destaque

Inflação acelera nos EUA

A inflação nos EUA subiu 0,4% em agosto, após aumentar 0,2% em julho, à medida que as empresas começam a repassar os custos do tarifaço. Em 12 meses, o Índice de Preços ao Consumidor acumula 2,9%, a maior alta desde janeiro, ante 2,7% em julho. **A17**

Mesmo condenado, Bolsonaro segue como ameaça institucional

César Felício **A11**



Indicadores

Ibovespa	11/set/25	0,56%	R\$ 24,6 bi
Selic (meta)	11/set/25	15,00%	ao ano
Selic (taxa efetiva)	11/set/25	14,90%	ao ano
Dólar comercial (BC)	11/set/25	5,3852/5,3858	
Dólar comercial (mercado)	11/set/25	5,3914/5,3920	
Dólar turismo (mercado)	11/set/25	5,4191/5,5991	
Euro comercial (BC)	11/set/25	6,3174/6,3192	
Euro comercial (mercado)	11/set/25	6,3278/6,3284	
Euro turismo (mercado)	11/set/25	6,4142/6,5942	

Cultura



"Aprendi em casa a importância de retribuir à sociedade", diz David Feffer, idealizador e presidente do Instituto ViaFoto, que abre as portas nesta sexta-feira, em São Paulo. **Página B6**

Advent negocia compra da rede varejista Sonda

Adriana Mattos, Fernanda Guimarães e Maria Luíza Filgueiras
De São Paulo

O fundo de "private equity" Advent está negociando a compra da rede de supermercados Sonda. O negócio pode movimentar cerca de R\$ 3,5 bilhões, segundo fontes. O fundo tem exclusividade na tratativa, que inclui as 40 lojas da bandeira Sonda Supermercados e as cinco unidades da Cobal Supermercados. A família vendedora, que dá nome ao grupo, vai manter a propriedade dos imóveis, apurou o Pipeline. A questão sucessória é uma das principais motivações para a operação, após o falecimento de um dos fundadores, Idi Sonda, em 2022. Procurados, o Sonda negou a informação e a Advent não se manifestou. **Páginas B1 e B2**

IGUATEMI
SÃO PAULO

VIVA AS MELHORES
EXPERIÊNCIAS NO MELHOR
SHOPPING DA CIDADE



IGUATEMI.COM.BR/SAOPAULO

@IGUATEMI



7 898937 880054

À Mesa com o Valor

Ricardo Piquet

Engenheiro pernambucano responsável pela gestão de importantes equipamentos culturais prepara-se agora para inaugurar o Museu das Amazônias. Por Paula Martini, do Rio

‘Museu não é lugar de coisa velha’

Aos 61 anos, Ricardo Piquet atribui ao acaso ter se tornado um dos gestores culturais mais respeitados do país. De cabelos grisalhos e olhos claros que se confundem entre verde e azul, ele é a persona por trás do Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG), uma organização privada sem fins lucrativos fundada em 2001, no Recife, e responsável pela administração de grandes equipamentos culturais, como o Museu do Amanhã, no Rio, e o futuro Museu das Amazônias, em Belém.

Formado em engenharia civil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no “século passado”, como ele mesmo diz, a modéstia do pernambucano contrasta com o currículo que carrega. São mais de duas décadas de experiência nos setores público e privado e em organizações da sociedade civil, tendo participado da concepção do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e da revitalização do Centro Histórico do Recife, onde atuou como engenheiro da Empresa de Urbanização do Recife (URB), no começo dos anos 90.

“Eu me tornei um engenheiro muito melhor com a cultura. Ou um cidadão melhor, porque passei a acreditar na cultura como uma forma de você melhorar como pessoa”, afirma.

A experiência com a gestão de patrimônio no Recife antigo deu início à guinada profissional do executivo ao aceitar um convite para atuar na gestão de projetos culturais e ambientais da Fundação Roberto Marinho, que era parceira na revitalização da capital pernambucana. Com o novo emprego, no qual permaneceu por 14 anos, veio a mudança para o Rio, cidade na qual havia passado temporadas quando jovem. “[O Rio era] um desejo de criança”, conta.

O que era para ser uma temporada de um ano no Rio se transformou em 26 anos. Piquet se considera carioca e mora até hoje na cidade, onde também criou os filhos pernambucanos Marina, 36, e Bernardo, 34.

As memórias de infância e adolescência de Piquet se dividem entre as férias com os irmãos na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, e a convivência com os primos na casa da avó materna, Maria Piquet, na Tijuca, na zona norte do Rio. “São seis filhos e eu sou o segundo. Sou o dois barra seis (2/6) na linha de produção”, diz.

“A minha praia era a Barra [da Tijuca, na zona oeste do Rio]. A gente pegava o autobus, descia para praia, voltava e tomava banho na cachoeirinha na Floresta da Tijuca.”

Da infância, ele também se recorda

de visitas obrigatórias a museus que marcaram sua memória e defende que essa experiência volte a ser incorporada ao ensino. “Tenho várias experiências da minha infância em que visitei um museu. São experiências inesquecíveis, mas obrigatórias. Acho que isso teria que voltar à tona como matéria obrigatória”, diz.

O problema, reconhece, é a falta de recursos públicos para manter muitos desses espaços abertos. “Não adianta planejar nas escolas e não ter o espaço para mostrar.” Por isso, é defensor de mecanismos de incentivo como a Lei Rouanet. “Quem falar mal da Lei Rouanet vai comprar uma briga comigo na mesma hora.”

O local escolhido para este “À Mesa com o Valor” é a Casa do Saulo, restaurante especializado em sabores do Norte, na parte térrea do Museu do Amanhã, a 600 metros do prédio comercial onde fica a sede do IDG. O executivo senta-se comemorando que o museu, construído no contexto de revitalização da região portuária para os Jogos Olímpicos de 2016, voltou ao patamar daquele período, quando chegou a receber 10 mil visitantes em um único dia.

“Eu queria fazer um projeto para transformar territórios, que foi a minha origem lá em Recife, no centro histórico, mas também buscar equipamentos como este, que pode ser a âncora de um território e mudar a realidade local”, diz.

O Museu do Amanhã é um dos mais visitados do país e deve encerrar 2025 com 1,2 milhão de pessoas, número mais expressivo desde a retomada do pós-pandemia. Em julho, atingiu o pico de 12 mil visitas em um ano.

Piquet também considera que o Museu do Amanhã rompeu uma percepção ainda recorrente no país, a de que museus seriam espaços voltados apenas às elites. “Esse museu aqui não é para elite. É um museu popular. Cinquenta por cento das pessoas que vêm aqui não são habituais de museus, e 20% declaram que nunca tinham visitado um antes”, afirma.

Mas para gerar impacto, diz, é necessário construir narrativas capazes de criar conexão com diferentes públicos. “Quando você faz um roteiro e cria uma relação afetiva, você passa a interagir com aquele conteúdo de maneira diferente. E, ao final, você tem uma grande meta, que é fazer com que as pessoas que visitarem aquele espaço saiam com a sensação de pertencimento, de orgulho daquilo.”

Ele recorda que o caráter inovador



Cardápio

Casa do Saulo – Museu do Amanhã

Trio Tapajônico (dadinho de farinha de tapioca na geleia de cupuaçu apimentada, bolinho de piraculi com maionese de pirarucu defumado e isca de peixe com geleia de açaí)	1	62,90
Suco de taperebá	2	31,80
Suco de cupuaçu	1	15,90
Águas com gás	2	18,00
Casa do Saulo (Filé de pirarucu grelhado ao molho de castanha do Pará, banana da terra e camarão rosa, finalizado com casatanha torrada e cebolinha. Acompanha arroz branco e farofa)	2	197,80
Caneloni Amazônico (Massa recheada com pirarucuru defumado, queijo do Marajó, pimentinha, chicória ao molho de tomate da casa gratinado com queijo parmesão)	1	84,90
Costela Santarém (Costela de tambaqui frita, risoto de feijão Santarém, bacon, cebola e mix de pimentões salteados e limão siciliano)	1	98,90
Creme de Cupuaçu (na cuia com farofa de biscoito de castanha-do-pará, geleia de cupuaçu, nibs de cacau e lascas de castanha do Pará)	1	36,90
Cafés expressos cerrado mineiro	5	45,00
Serviço	-	71,05
Total	-	663,15



do Museu do Amanhã, que propõe reflexões sobre sustentabilidade e a projeção de “futuros possíveis”, com uma pegada interativa e tecnológica, não foi imediatamente reconhecido. O museu foi inaugurado em dezembro de 2015.

“As organizações de museus internacionais, como o Icom [Conselho Internacional de Museus], não reconheciam isso como um ativo. Apresentei esse museu em vários lugares do mundo. Na China, encontrei uma comitiva da Itália que disse: ‘Isso não é museu, isso é uma invenção, isso é uma instalação’. E eu disse: ‘É, se você não está vendo é porque não existe. Só existe para quem consegue ver’.”

Passado o estranhamento inicial, Piquet diz que o projeto serviu de inspiração internacional. “No ano passado, pela primeira vez o Icom me chamou na Coreia para um grande evento internacional para falar sobre museu e futuro, museu e sustentabilidade. E vários museus assumem que foram criados ou pensados a partir de inspirações desse museu. Por exemplo, o Futurium, de Berlim, o Museu do Futuro de Dubai, o Climate Museum em Nova York”, diz. “A gente criou uma ruptura na história dos museus porque an-

tes os museus só pensavam para trás.”

O executivo, integrante do conselho do Museu das Nações Unidas da ONU e do comitê diretivo do Future Oriented Museums (Forms), refuta a ideia de que museus são lugares de coisa velha, ao recordar de uma reportagem que comparou a Virada Cultural de São Paulo a um museu por não ter novidades.

“Museu não é lugar de coisa velha. É lugar de contar histórias para você aprender com o passado. Aqui a gente diz que são histórias do passado, histórias do presente e histórias possíveis de futuro.”

Um exemplo, diz, são as mudanças climáticas. Se hoje há uma percepção de líderes globais de que algo precisa ser feito diante de problemas presentes e iminentes, antes não era assim. “A humanidade ignorou o tema por 40 anos. E hoje temos presidentes desesperados. Aí alguns malucos criam taxas, criam mudanças para ter resultados a curto prazo de algo que ele [o Estado] podia ter planejado lá atrás”, diz Piquet sem citar o nome de Donald Trump.

Sobre o atual contexto geopolítico, Piquet conta que o instituto fez um diagnóstico sobre os setores afetados pelo tarifaço de Trump para saber se as

“Normalmente a política se interessa em abrir, mas não se interessa em manter”

sobretaxas poderiam afetar o faturamento dos patrocinadores privados.

Hoje são 60 apoiadores em diferentes projetos. “Tem impactos diretos e indiretos. Os diretos são relativamente poucos nos que estão próximos da gente. Mas claro que todos podem sentir na logística e na cadeia de valores agregados na exportação. Acho que vai ter um impacto menor do que a gente imaginava.”

Entrevistado e repórter escolhem uma mesa na área externa do Museu do Amanhã, com vista para a Baía de Guanabara, e, de entrada, degustam um trio tapajônico. A tábua é um tributo aos alimentos da região do rio Tapajós, com dadinho de farinha de tapioca na geleia de cupuaçu apimentada, bolinho de pirarucu com maionese de pirarucu defumado e isca de peixe com geleia de açaí.

Para beber, Piquet vai de água com gás, e a repórter prefere um suco de taperebá, fruta de sabor agridoce também conhecida como cajá. De prato principal, pedido depois de 55 minutos de conversa, o entrevistado opta pelo prato Casa do Saulo, carro-chefe do restaurante que consiste em um filé de pirarucu grelhado ao molho de castanha-do-Pará, banana-da-terra e camarão rosa finalizado com castanha torrada e cebolinha. “É o prato mais famoso daqui”, justifica.

A sobremesa, um creme de cupuaçu na cuia com farofa de biscoito de castanha-do-pará, acompanha quatro expressos e quatro colheres distribuídas entre entrevistado, repórter, o fotógrafo do Valor, Leo Pinheiro, e a assessora do IDG Nailanna Tenório.

O diretor conta que partiu dele próprio o convite para o chef paraense Saulo Jennings abrir uma filial carioca do restaurante original de Santarém (PA), em 2022, no museu futurista da Praça Mauá, com projeto do renomado arquiteto espanhol Santiago Calatrava.

“Eu consultei um pessoal da gastronomia e perguntei quem era o melhor chefe da Amazônia. Me disseram que era um cara chamado Saulo Jennings. Aí eu liguei e falei: ‘Você quer vir para o Museu do Amanhã? Você tem 30 dias para se instalar.’ Ele topou e está aqui até hoje”.

A pressa, explica, era para que a abertura coincidisse com uma temporada comemorativa à Amazônia, em 2022, que reuniu três exposições: a mostra “Fruturos - Tempos Amazônicos” e uma exibição temática do fotógrafo Sebastião Salgado (1944-2025) ao lado de fotos da região feitas por povos originários. “Fruturos” atraiu 200 mil pessoas ao Museu do Amanhã e viajou por São Luís do Maranhão e três cidades do Pará — Canaã dos Carajás, Parauapebas e Belém.

A mostra itinerante levou o IDG a ser convidado pelo governo do Pará e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para desenvolver o Museu das Amazonas (MAZ), um dos legados da Conferência das Nações Unidas para o Clima, a COP 30, para Belém. A inauguração do MAZ está prevista para 4 de outubro.

No futuro, o local também terá experiências imersivas, sensoriais e coletivas, uma marca dos projetos de-



É “Museu das Amazonas, no plural, porque não é uma coisa só”, diz Ricardo Piquet sobre novo projeto

envolvidos pelo instituto. “Nós fizemos um trabalho de escuta de quase 600 pessoas. São oito estados, nove países, e a gente resolveu botar o nome do Museu das Amazonas, no plural, porque não é uma coisa só.”

O primeiro projeto do IDG na região Norte será entregue ao público com uma exposição completa de Sebastião Salgado sobre a Amazônia. Piquet e o fotógrafo mineiro eram amigos havia dez anos. “Dia 12 de maio eu estava conversando com ele por telefone. Dia 23 de maio, ele morreu. Para mim foi um susto”, lamenta.

“Vai ser um presente abrir com a maior exposição já feita sobre o Sebastião, e a primeira feita depois da morte dele. Vai ser um sucesso que vai colocar o Museu das Amazonas em um circuito pelo próprio nome do Sebastião”, afirma.

Apesar do entusiasmo com o futuro, Piquet considera que existe uma resistência no Brasil em abrir espaços culturais acessíveis. “Existem museus para a população, mas existe um certo pudor em torná-los de fato abertos para qualquer público.”

Ele também critica a postura de parte da elite brasileira, que, apesar de ocupar posições de prestígio em instituições estrangeiras, muitas vezes ignora os museus locais. “Alguns são patrocinadores, mentores ou conselheiros do MoMA [Museu de Arte Moderna de Nova York], mas não prestigiam os museus de sua própria cidade.”

Em seguida, reconhece que a falta de confiança de alguns mecenas na capacidade de gestão das instituições culturais no país é um empecilho. “Vários museus fecharam. E fecharam por falta de gestão. Normalmente a política se interessa em abrir, mas não se interessa em manter.”

Ele observou o movimento dos dois lados do balcão: primeiro, na Fundação Roberto Marinho, onde uma de suas atribuições era a captação de recursos. Depois, na mineradora Vale, onde foi diretor de responsabilidade da companhia, de 2011 a 2012, e acumulou a presidência da Fundação Vale e do Fundo Vale.

“Eu passei de um lugar onde eu captava recursos para viabilizar os projetos e passei a estar do outro lado do balcão, em que eu patrocinava todos eles.”

A percepção de que havia um vácuo a ser ocupado na gestão e governança de projetos culturais fez o executivo



ACERVO PESSOAL

O engenheiro pernambucano na restauração do Cristo Redentor. Piquet hoje se considera carioca

retornar ao IDG em 2013, para ancorar a reformulação do instituto. Profissionais de gestão e desenvolvimento de conteúdo se juntaram à organização social, que passou a gerir equipamentos e projetos de interesse público na área de cultura e ambiente.

Atualmente o IDG é responsável por sete projetos, dos quais cinco são museus em quatro estados do país. São eles o Museu do Amanhã (RJ), Museu das Favelas (SP), Paço do Frevo (PE) e Museu das Amazonas (PA). Os funcionários desses equipamentos são vinculados ao IDG. A instituição também é responsável pela manutenção dos espaços.

“A gente não tem uma empresa por trás, não tem um suporte, não tem ‘endowment’ [fundo patrimonial], então a gente queria muito ter como base a segurança jurídica e financeira”, afirma. Ao longo de 24 anos, afirma, “não temos nenhum questionamento, nem de Tribunal de Contas, nem Ministério Público, nada”.

Ele explica que uma estratégia é pulverizar os patrocínios para não depender de apenas uma ou duas empresas. “Os recursos que a gente administra são 75% privados, com incentivo fiscal ou não, e 20% a 25%, públicos. Portanto, se acontecer um hecatombe na área pública, a gente tem como sobreviver. Se acontecer na área privada, a gente tende a mitigar, porque a gente pulverizou também com vários patrocinadores.”

Isso não impediu, porém, surpresas desagradáveis: “Levamos vários calotes. E calote do poder público é uma covardia, porque você, uma instituição pequena, vai brigar com o Estado. E, se ganhar, vira precatório para décadas à frente.”

Piquet atribui os problemas a uma falta de compreensão sobre o papel da cultura. “Existe uma má compreensão de parte dos gestores públicos, de que a cultura é uma coisa simplória, simples, barata e nem precisa de recursos.”

Entre os programas que enfrentaram problemas, ele cita as Bibliotecas Parque Estaduais, uma vitrine na área da cultura do governo Sérgio Cabral, que governou o Rio de 2007 a 2013. Inspirado no modelo bem-sucedido de Medellín, na Colômbia, o projeto entrou em decadência com o colapso financeiro do estado na ocasião.

O IDG administrou as quatro unidades (Centro, Rocinha, Mangueiras e Niterói) de 2014 a 2016. Procurada pelo Valor, a Secretaria Estadual de Cultura do Rio informou que abriu uma comissão interna para apurar valores e buscar a regularização das contas do contrato encerrado com o IDG em 2016.



ACERVO PESSOAL

Ricardo Piquet e o irmão mais velho, Eduardo, na Ilha de Itamaracá (PE)



ACERVO PESSOAL

Piquet com a esposa Rebeca, os filhos Bernardo e Marina e os netos Dante e Maitê